

ORHAN PAMUK

MEU NOME É VERMELHO

Tradução e glossário
Eduardo Brandão



Copyright © 1998 by İletisim Yayıncılık A. S.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Benim Adim Kirmizi

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Eugênio Vinci de Moraes

Revisão

Larissa Lino Barbosa

Gabriela Ubrig Tonelli

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pamuk, Orhan

Meu nome é Vermelho / Orhan Pamuk ; tradução e glossário
Eduardo Brandão — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Benim Adim Kirmizi.

ISBN 978-85-359-2297-4

1. Ficção turca I. Título.

13-05986

CDD-894.35

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura turca 894.35

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

1. Eu sou meu cadáver 9
2. Meu nome é Negro 14
3. Eu, o cão 21
4. Serei chamado Assassino 28
5. Eu sou o vosso Tio 37
6. Eu me chamo Orhan 45
7. Meu nome é Negro 50
8. Meu nome é Ester 55
9. Eu, Shekure 60
10. Eu sou a Árvore 72
11. Meu nome é Negro 78
12. Chamam-me Borboleta 92
13. Chamam-me Cegonha 102
14. Chamam-me Oliva 111
15. Meu nome é Ester 120
16. Eu, Shekure 126
17. Eu sou o vosso Tio 132
18. Serei chamado Assassino 139
19. Eu, o Dinheiro 147
20. Meu nome é Negro 154
21. Eu sou o vosso Tio 159
22. Meu nome é Negro 165
23. Serei chamado Assassino 172
24. Meu nome é Morte 179
25. Meu nome é Ester 184
26. Eu, Shekure 193
27. Meu nome é Negro 210
28. Serei chamado Assassino 218
29. Eu sou o vosso Tio 232

30. Eu, Shekure 248
31. Meu nome é Vermelho 259
32. Eu, Shekure 264
33. Meu nome é Negro 271
34. Eu, Shekure 287
35. Eu, o Cavalo 302
36. Meu nome é Negro 306
37. Eu sou o vosso Tio 318
38. Eu, Mestre Osman 324
39. Meu nome é Ester 334
40. Meu nome é Negro 341
41. Eu, Mestre Osman 347
42. Meu nome é Negro 367
43. Chamam-me Oliva 380
44. Chamam-me Borboleta 383
45. Chamam-me Cegonha 386
46. Serei chamado Assassino 389
47. Eu, o Diabo 400
48. Eu, Shekure 406
49. Meu nome é Negro 411
50. Nós, os dois Errantes 427
51. Eu, Mestre Osman 431
52. Meu nome é Negro 451
53. Meu nome é Ester 471
54. Eu, a Mulher 487
55. Chamam-me Borboleta 493
56. Chamam-me Cegonha 508
57. Chamam-me Oliva 518
58. Serei chamado Assassino 530
59. Eu, Shekure 559

Cronologia 569

Pequeno glossário 571

Sobre o autor 573

1. EU SOU MEU CADÁVER

AGORA, sou meu cadáver, um morto no fundo de um poço. Faz tempo que dei o último suspiro, faz tempo que meu coração parou de bater mas, salvo o canalha que me matou, ninguém sabe o que aconteceu comigo. Esse crápula desprezível, para certificar-se de que tinha mesmo dado cabo de mim, observou minha respiração, espreitou minhas derradeiras palpitações, depois deu-me um chute nas costelas, arrastou-me até um poço, passou-me por cima da mureta e precipitou-me fosso abaixo. Minha cabeça, já rachada a pedra, esfacelou-se na queda; meu rosto, minha testa, minhas faces se esfaçalharam; moeram-se meus ossos, minha boca encheu-se de sangue.

Há quatro dias não volto para casa. Minha mulher e meus filhos estão me procurando. Minha filhinha, já sem forças para chorar, deve estar olhando o tempo todo para o portão do quintal. Sim, eu sei que estão todos à janela, ansiando por minha volta.

Mas será que me esperam mesmo? Não posso saber. Vai ver já se acostumaram com a minha ausência. Que horror! Porque, uma vez do outro lado, temos a sensação de que a vida que deixamos para trás continua a passar como sempre passou, desde sempre. Antes que eu nascesse, estendiam-se atrás de mim tempos infinitos. Depois da minha morte, o tempo se desenrolará novamente, sem fim e sem limites! Nunca havia pensado nessas coisas antes: eu tinha vivido luminosamente, entre duas eternidades de escuridão.

Eu era feliz, agora sei que fui feliz. No ateliê de pintura do Nosso Sultão, eu é que fazia as mais belas iluminuras, diria até que não havia iluminador cujo talento se comparasse ao meu. Quanto às obras que executava fora do ateliê, rendiam-me por

mês novecentas moedas de prata, o que, naturalmente, só torna a minha morte ainda mais insuportável.

Eu fazia miniaturas e iluminuras para os livros. Iluminava as beiradas das páginas colorindo suas margens com fidelísimos desenhos de folhas, ramos, roseiras, flores e pássaros. Pintava nuvens com as bordas revoltas à chinesa, ramagens complicadas, matagais furta-cor onde se escondem gazelas, galeras, sultões, bosques e palácios, cavalos, caçadores... Na minha juventude, às vezes pintava o interior de um prato, o verso de um espelho, a concavidade de uma colher, o teto de uma mansão ou de um pavilhão à beira do Bósforo, a tampa de um baú... No entanto, nestes últimos anos só vinha trabalhando em páginas de manuscritos, porque o Sultão paga muito bem os livros de miniaturas. Não vou dizer que, agora, isso não tem importância para mim. Você sabe que o dinheiro significa muito, mesmo quando já se está morto.

Ante este prodígio — vocês ouvirem minha voz, apesar do estado em que me acho —, na certa vão pensar: “Quem vai se interessar em saber quanto você ganhava quando estava vivo? Conte-nos, isso sim, o que está vendo agora. Existe vida depois da morte? Onde está a sua alma? Como são o Inferno e o Paraíso? E a morte, como é? Dói?”. Vocês têm razão. Sei que os vivos têm muita curiosidade de saber como é a vida depois da morte. Talvez vocês já tenham ouvido a história de um homem que, movido por essa simples curiosidade, passeava pelos campos de batalha, no meio do sangue e dos cadáveres, com a certeza de que encontraria, entre todos aqueles guerreiros agonizando em suas purulências, um que morresse, ressuscitasse e pudesse então lhe revelar os arcanos do outro mundo. Mas um soldado de Tamerlão, tomando aquele bisbilhoteiro por um inimigo, abriu-o ao meio, conta-se, com um só golpe da sua cimitarra, levando-o a concluir que no Além somos cortados em dois.

Ora, não é nada disso. Eu diria até que as almas separadas em vida voltam a se juntar aqui no Além. Mas, ao contrário das afirmações dos ímpios e incrédulos, dos libertinos e demais

compadres do Diabo, existe sim um outro mundo, Alá é grande. A prova disso é que estou falando com vocês daqui. Estou morto, no entanto, como estão vendo, não parei de existir. Por outro lado, sou forçado a admitir que não encontrei o que se fala no Corão: nem Paraíso em que os rios banham pavilhões de ouro e de prata, nem galhos gigantescos carregados de frutas maduras, nem lindas virgens debaixo das árvores. Aliás, ainda me lembro muitíssimo bem quantas vezes, e com que prazer, eu mesmo representei essas beldades do Paraíso, de olhos imensos, a que se refere a surata do *Evento Inevitável*. Quanto aos quatro rios, de leite, de vinho, de água doce e de mel, que descrevem cheios de entusiasmo os visionários como Ibn Arabi — mas não o Venerável Corão —, é claro que não os encontrei. Devo lhes dizer no entanto que tudo isso está ligado à minha situação particular, pois não tenho a menor intenção de abalar a crença dos que vivem cultivando legitimamente essas esperanças e essas belas imagens do Outro Mundo. Mas qualquer crente, por pouco versado que seja nessa questão da vida após a morte, admitirá que é difícil, nesses tormentos sem trégua que são hoje o meu quinhão, entrever os rios do Paraíso.

Em poucas palavras, eu, que sou conhecido no meio dos pintores e entre os mestres miniaturistas pelo nome de Elegante Efêndi, estou morto mas ainda não fui enterrado. É por isso também que minha alma ainda não abandonou totalmente meu corpo. Para poder chegar ao Paraíso, ao Inferno ou a qualquer outro lugar que minha sorte me reserve, ela tem que sair do meu corpo abjeto. Essa minha situação excepcional, embora meu caso não seja, naturalmente, o primeiro, vem expondo a minha parte imortal a terríveis aflições. Se é verdade que não sinto meu crânio esfacelado, nem a lenta decomposição do meu corpo dilacerado nesta água glacial, percebo em compensação o profundo tormento da minha alma lutando para deixá-lo. É como se o mundo inteiro se contraísse dentro de mim, comprimido como por uma morsa.

Só posso comparar essa sensação de compressão com a sensação de alívio que surpreendentemente experimentei no ins-

tante preciso da minha morte. Quando minha têmpera fendeu-se ao golpe inesperado da pedra, se bem que eu tenha imediatamente compreendido que aquele canalha queria me matar, não pude acreditar que ele conseguiria. Conservei todas as minhas esperanças, um traço de caráter que minha vida tão pálida, entre o ateliê e a minha casa, não me havia em absoluto permitido notar. Tentei pois me agarrar à vida com unhas e punhos, com meus dentes que o mordiam sem soltar... Mas não quero aborrecê-los mais com o horrível relato de todas essas atrocidades.

Quando entendi, com tristeza, que ia morrer, uma incrível sensação de alívio me invadiu, como eu disse, e foi com essa sensação que vivi o instante da travessia: minha chegada deste lado se deu suavemente, fácil como o sonho de um homem que sonha estar dormindo. A última coisa que vi foram os calçados cheios de lama e de neve daquele canalha, meu assassino. Fechei os olhos como para dormir e passei, suavemente, para o outro lado.

Não é dos meus dentes que me queixo agora, espalhados como grãos-de-bico grelhados na minha boca sanguinolenta, nem do meu rosto, tão esfacelado que se tornou irreconhecível, nem mesmo de estar abandonado aqui, no fundo de um poço, mas de saber que ainda me creem vivo. Que as pessoas que me amam pensem em mim o tempo todo, imaginando que estou me distraíndo de alguma maneira idiota num bairro mal-afamado de Istambul, ou que eu esteja até, neste instante, correndo atrás de uma mulher que não é a minha, aí está o que de fato me dói e impede que minha alma encontre repouso. Chega! Tomara que encontrem logo o meu cadáver, que recitem a prece e me deem enfim um funeral e um enterro! E, principalmente, que encontrem meu assassino! Enquanto esse canalha não for descoberto, quero que todos saibam, mesmo que me metam no mais suntuoso dos mausoléus, eu vou me virar e revirar na tumba sem encontrar paz e não cessarei de infestar vocês todos com a peçonha da impiedade. Encontrem esse filho da puta, que eu lhes conto com todos os detalhes o que eu vir lá, no Outro

Mundo. Mas, quando o descobrirem, deverão torturá-lo, quebrar-lhe oito ou dez ossos num torniquete, de preferência as costelas, fazendo-as estalar lentamente uma depois da outra; depois arranquem-lhe os cabelos ensebados, nojentos, um a um, até ele gritar bem alto, enquanto os carrascos lhe esfolam a pele do crânio, com aquelas grandes agulhas feitas para esse fim.

Quem é esse assassino que me inspira tanta raiva? Por que ele me matou assim, de uma forma tão inesperada? Ponham o cérebro para funcionar! Vocês não dizem que o mundo está cheio de criminosos vis e rasteiros? Que pode ter sido este, que pode ter sido aquele? Nesse caso, deixem-me avisá-los desde já: por trás da minha morte se esconde um repugnante complô contra nossa visão de mundo, nossos costumes, nossa religião. Abram os olhos e tratem de descobrir por que os inimigos do islã e da vida como nós a vivemos, na qual acreditamos, deram cabo de mim e por que poderiam perfeitamente matar vocês também, um dia. Cada uma das grandes predições do grande pregador de Erzurum, Nusret Hodja, de quem eu bebia cada palavra com lágrimas nos olhos, se realiza com exatidão. Deixem-me lhes dizer também que, se resolvessem contar num livro o que acontece conosco, nem mesmo o mais talentoso dos iluminadores seria capaz de ilustrá-lo. Tal como o Venerável Corão — não interpretem mal minhas palavras! —, a força surpreendente desse livro viria de nunca poder ser posto em imagens. Aliás, duvido que vocês tenham compreendido esse fato plenamente.

Saibam que, na época em que eu era aprendiz, embora tivesse medo das realidades ocultas e das vozes vindas do Além, não lhes dava a menor bola, na verdade até ria delas. E não é que fui acabar no fundo deste deplorável poço! A mesma sorte poderia muito bem caber a vocês: olho vivo! Quanto a mim, não tenho nada mais a fazer, senão esperar que, se eu começar a apodrecer, quem sabe me encontrem por causa do mau cheiro... Enquanto isso, imagino as torturas que alguma pessoa caridosa haverá por bem infligir ao meu ignóbil assassino, quando o encontrarem.

2. MEU NOME É NEGRO

APÓS UMA AUSÊNCIA DE DOZE ANOS, voltei como um sonâmbulo a Istambul, cidade onde nasci e cresci. Dizem que a terra chama os que vão morrer, mas no meu caso era a morte que me chamava. Ao voltar para lá, no começo pensei que só encontraria a morte, mas depois também encontrei o amor. No entanto, esse amor, na época em que eu voltava a Istambul, era tão distante e impreciso quanto minhas lembranças da cidade. Doze anos antes, foi nessa cidade que me apaixonei perdidamente por minha prima, que ainda era uma menina.

Somente quatro anos depois de partir pela primeira vez de Istambul, ao viajar pelas intermináveis estepes do Irã, por suas montanhas cobertas de neve e seus tristes vilarejos, levando cartas ou arrecadando impostos, é que eu me dei conta de que havia, insensivelmente, esquecido o rosto daquela menina que eu amara. De início, essa constatação me inquietou, e eu fazia grandes esforços para me lembrar dele, até finalmente compreender que o homem, qualquer que seja o seu amor, sempre acaba esquecendo um rosto que fica muito tempo sem ver. Ao fim dos seis anos que passei viajando como secretário a serviço de diversos paxás, eu já sabia que o rosto mantido em vida por minha imaginação não era mais o daquela que eu amara. Mais tarde, lá pelo meu oitavo ano de exílio, já havia esquecido o rosto de que eu me lembrava no sexto ano e visualizava uma fisionomia bem diferente daquela. Assim, ao voltar para a minha cidade doze anos depois, aos trinta e seis anos de vida, eu tinha a penosa consciência de ter esquecido completamente o rosto da minha amada havia muito tempo.

Muitos dos meus amigos, parentes ou vizinhos de bairro tinham morrido durante esses doze anos. Fui ao cemitério que

sobranceia o Chifre de Ouro, onde rezei por minha mãe e meus tios, falecidos na minha ausência. Senti um cheiro de terra úmida. Alguém havia quebrado um vaso de flores perto do túmulo da minha mãe e, não sei por que, ao ver os pedaços partidos, desatei a chorar. Seria pelos mortos que eu chorava ou porque, após tantos anos, eu ainda estava estranhamente no início da viagem da vida? Ou seria porque, ao contrário, eu sentia que chegava ao fim da viagem? Uma neve, muito tênue ainda, tinha começado a cair. Eu já ia embora, já ia mergulhar entre os flocos que o céu cuspia aqui e ali, já ia me perder na estrada indiscernível da minha existência, quando percebi, num lugar abrigado do cemitério, um cachorro negro, que me fitava.

Minhas lágrimas pararam de correr, assoei-me e saí do cemitério olhando para aquele cachorro negro, que balançava o rabo em sinal de amizade. Mais tarde, estabeleci-me no nosso bairro, alugando uma das casas em que um dos meus parentes por parte de pai tinha morado tempos atrás. A mulher do proprietário descobriu uma semelhança entre mim e seu filho, morto na guerra contra os *safávidas**. Ela aceitou arrumar a casa e cozinhar para mim.

Saí às ruas, não como se eu tivesse acabado de voltar para Istambul, mas de me instalar provisoriamente numa cidade árabe do fim do mundo, e como se visitasse um lugar novo e cheio de surpresas. Caminhei um bom tempo, até me faltar. As ruas teriam encolhido ou era só impressão? Aqui e ali, nas ruelas que se esgueiravam entre as casas face a face, eu me via forçado a colar-me às paredes e às portas, a fim de evitar cavalos, carroças e carruagens. Os ricos eram mais numerosos ou era só impressão também? Vi uma carruagem luxuosa, como não se encontra igual na Arábia ou na Pérsia: puxada por cavalos magníficos, mais parecia uma fortaleza atrelada. Tam-

* As palavras destacadas em *italico* estão definidas no Glossário, na página 571.

bém vi, perto da Coluna Queimada, apertados uns contra os outros entre os odores agressivos do Mercado de Aves, mendigos esfarrapados e obscenos. Um deles, cego, olhava sorrindo a neve cair.

Se tivessem me dito que Istambul tinha ficado mais pobre, mais estreita e mais feliz, eu não teria acreditado, claro, mas era isso o que meu coração me dizia. Embora a casa da minha amada continuasse situada onde sempre estive, escondida no meio das tílias e dos castanheiros, eram outras as pessoas que moravam lá, como fiquei sabendo ao perguntar à porta. Descobri que minha tia materna, mãe da minha amada, morrera e que o marido dela, meu Tio, e sua filha tinham se mudado. Foi assim que vim a saber que o pai e a filha foram vítimas de certos infortúnios, segundo me informaram os estranhos à porta, que não percebem, nesse gênero de situação, como maltratam cruelmente nosso coração e nossos sonhos. Não vou contar tudo isso agora para vocês, mas permitam-me dizer que se viam, nos galhos das tílias do jardim, flocos de gelo do tamanho do meu dedo mindinho e que rever aquele jardim, triste e desolado na neve, que eu me lembrava verdejante sob o sol quente dos dias de verão, deixou-me com o coração partido.

Eu sabia, entretanto, uma parte do que lhes havia acontecido, graças a uma carta que meu Tio havia enviado a Tabriz. Era nessa carta que ele me chamava a Istambul, dizendo que necessitava da minha ajuda para preparar um misterioso livro, encomendado pelo Sultão. Ele ouvira dizer que, em Tabriz, eu havia me dedicado por algum tempo a preparar livros para paxás otomanos, governadores de província e dignitários da corte. Na verdade, em Tabriz, eu recebia encomendas de intermediários e, cobrando adiantado, encontrava os pintores e os calígrafos que, embora desolados com a guerra e os exércitos otomanos, ainda não tinham partido para Kazvin e as outras cidades da Pérsia, e dava a todos esses grandes artistas, que gemiam na miséria e se achavam esquecidos pelo público, as páginas a copiar, ilustrar e encadernar, antes de mandar a obra para Istambul. Sem dúvida, eu nunca teria podido me dedicar a esse trabalho não fosse o

amor à pintura e aos belos manuscritos que meu Tio me transmitira durante a minha juventude.

O barbeiro do fim da rua em que meu Tio morava, na parte onde fica o mercado, continuava na mesma loja, no meio dos mesmos espelhos, navalhas, jarros e pincéis. Estivemos face a face, mas não saberia dizer se ele me reconheceu. Revi com emoção a bacia cheia d'água quente para lavar os cabelos, que balançava na ponta de uma corrente, com o mesmo movimento pendular de outrora.

Alguns dos quarteirões e das ruas em que eu passeava na minha juventude tinham desaparecido, com os incêndios, em cinzas e fumaça, deixando em seu lugar terrenos baldios calcinados onde os cachorros vadios se congregam e uns loucos erradios metem medo nas crianças; outros bairros cobriram-se de opulentas mansões, que não deixam de causar um estranho efeito sobre as pessoas vindas de longe, como eu. As janelas de algumas delas são de cristal de Veneza. Vi várias assim na minha rua, dessas ricas moradias de dois andares construídas durante a minha ausência, com suas altas muralhas e suas claraboias.

Como em muitas outras cidades, o dinheiro em Istambul perdeu quase todo o valor. Na época em que parti para o Leste, com uma moeda de prata obtinha-se um enorme pão de cem dracmas recém-saído do forno; hoje, pelo mesmo preço, dão a metade, com um gosto salobro que nada tem a ver com a lembrança do pão fresco da nossa infância. Se minha falecida mãe visse que se compra a dúzia de ovos com três moedas de prata, ela diria: “Vamos embora deste lugar antes que as galinhas, estragadas com tantos mimos, nos caguem na cabeça em vez de cagarem no chão”, mas sei que a carestia é igual em toda parte. Disseram que os navios mercantes vindos de Flandres ou de Veneza estavam cheios dessas moedas, falsificadas. Enquanto, antigamente, para cunhar quinhentas moedas fundiam-se cem dracmas de prata, agora, com essa interminável guerra contra a Pérsia, cunham-se oitocentas. E quando os janízaros viram que as moedas com que são pagos, se alguém as deixa cair no Chifre de Ouro, bóiam como os grãos de feijão desembarcados no cais

dos hortelãos, amotinaram-se e sitiaram o palácio do Nosso Sultão, como se ele fosse uma fortaleza inimiga.

Em meio a essa era de depravação, carestia, crimes e banditismo, um certo Nusret Ali, encarregado da pregação na mesquita de Bajazet e que se apresenta como descendente do Nosso Glorioso Profeta, conseguiu fazer renome. Esse pregador, originário de Erzurum, ao que se diz, explica todas as calamidades que vêm se abatendo sobre Istambul nos últimos dez anos — o incêndio da Porta dos Jardins e do bairro dos Caldeireiros, a peste que leva dez mil habitantes a cada passagem sua, a guerra sem saída contra a Pérsia, com todos os seus mortos, e, a oeste, as pequenas fortalezas otomanas caídas nas mãos dos cristãos rebeldes — pelos repetidos desvios em relação ao caminho do Profeta, o desrespeito aos mandamentos do Venerável Corão, a tolerância para com os cristãos, o vinho em venda livre e a música nos conventos de *dervixes*.

O vendedor de pepinos em conserva que me dava essas informações falava com o calor desse pregador de Erzurum; e, dizia ele, além de toda aquela moeda falsa que inundava o bazar — os novos ducados, os florins com o emblema do leão, aquelas moedas cujo teor de prata caía dia a dia —, todos aqueles circassianos, abazas, mingrelianos, bósnios, georgianos e armênios que entupiam nossas ruas arrastavam o povo para o despenhadeiro abrupto e definitivo do vício. Ele também garantia, aliás, que os cabarés estavam cheios de depravados e de rebeldes, que passavam todas as suas noites a deblaterar. Esses indivíduos de caráter duvidoso e cabeça raspada, fumadores de ópio meio loucos, *dervixes* errantes como não existem mais — e note que eles chamam tudo isso de caminho de Alá, em seus conventos —, dançavam até o raiar do dia ao som da música, furavam com agulhas o corpo inteiro e, depois de se entregarem assim a toda sorte de desvarios, acabavam fornicando, entre eles e com uns garotos.

Foi então que ouvi os suaves acordes de um alaúde, e não sei se os segui por querer ouvir mais daquela música ou se ela me ofereceu o pretexto esperado para interromper a conversa com

aquele venenoso vendedor de pepinos, cujas considerações eu não podia mais suportar, por se chocarem frontalmente com minhas lembranças e meus desejos; constato em todo caso que, quando a gente ama uma cidade e passeia bastante por ela, não é apenas a razão mas também o corpo que, anos depois, num acesso de melancolia, reconhece as ruas por si mesmo: as pernas nos levam por si próprias para o alto da nossa colina preferida, em meio à neve que cai.

Foi assim que, afastando-me do Mercado dos Ferreiros, ao lado da mesquita de Suleyman, dei comigo contemplando os flocos de neve que caíam no Chifre de Ouro. A neve já tinha começado a se acumular nos telhados voltados para o norte e na parte das cúpulas exposta ao vento do leste. As velas de um navio que retornava ao porto pareciam me saudar ao serem recolhidas. Elas tinham a mesma cor de chumbo e bruma da superfície da água. Os ciprestes e os plátanos, a vista dos telhados, a tristeza da noite que cai, as vozes que se elevam dos bairros lá embaixo, os gritos dos vendedores ambulantes ou das crianças brincando no pátio da mesquita, tudo isso se misturou na minha cabeça e anunciou enfaticamente que eu não poderia mais viver em outro lugar. Por um momento acreditei que o rosto da minha amada, de que eu me esquecera havia anos, ia aparecer de repente diante de mim.

Desci a ladeira e misturei-me à multidão. Depois do chamado para a prece da noite, fartei-me, numa cantina deserta, de figado grelhado. Ouvia com atenção as palavras do dono, que me alimentava como teria alimentado seu gato, acompanhando amorosamente com os olhos os pedaços que eu devorava. Por sua sugestão e graças às suas indicações — porque as ruas estavam agora totalmente às escuras —, peguei um dos estreitos caminhos transversais, atrás do Mercado de Escravos, e consegui encontrar o tal cabaré.

Estava cheio de gente lá dentro e fazia um calorão. Um contador de histórias, desses como eu vira tantos em Tabriz e nas cidades do Irã e que eram conhecidos como satiristas, em vez de panegiristas, havia se instalado ao fundo, do lado da lareira,

num estrado não muito alto. Ele tinha pregado na parede o desenho de um cachorro, esboçado apressadamente numa folha ordinária, mas com uma arte consumada. De quando em quando apontava para o cachorro e contava a história dele, emprestando sua voz ao animal.